

ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS





ARQUEIRO®

ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Paulo Renato Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Marilene Ribeiro dos Santos

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Stry Basilio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Solange Maria da Rocha

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Mônica A. de Carvalho Campello

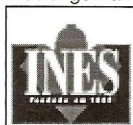
DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Nádia Maria Postigo

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
Rio de Janeiro - Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA
Skill Line

TIRAGEM
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Professor André Luiz da Costa e Silva
Psicóloga Carla Verônica Machado Marques
Fonoaudióloga Marisa M. Viola
Fonoaudióloga Mônica A. de C. Campello
Professora Simone Ferreira Conforto
Professora Solange Maria da Rocha



Pedidos de remessa deverão ser encaminhados para:
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Comissão de Publicação

Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar CEP 22240-001 Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2285-7393 / 2285-5107
e-mail: dhct1@ines.org.br

Arqueiro
vol.3, (jan/jun) Rio de Janeiro
INES, 2001

Semestral
ISSN 1518-2495

1 - Arqueiro - Instituto Nacional de Educação de Surdos

Índice

Editorial	5
Escola e Família – Grandes Parceiras	7
<i>Ana Lúcia Nascimento</i>	
As Experiências com os Surdos	11
<i>Fátima Rosa</i>	
Projeto “Sinais no Caminho”	15
<i>Maria Helena de Oliveira</i>	
O Início do Trabalho de História na 5ª série	23
<i>Tania Maria Elias</i>	
Relato sobre o Ensino de Natação para Crianças Portadoras de Deficiência Auditiva - Uma aprendizagem recíproca .	25
<i>Luiz Carlos Paschoalino Junior</i> <i>Maria Piedade Resende da Costa</i>	
Atividade Lúdica na 1ª série do Ensino Fundamental	30
<i>Marcus Vinicius Freitas Pinheiro</i>	

Editorial

Arqueiro

A socialização da prática pedagógica é um dos caminhos para minimizar a solidão do profissional. Tantas vezes somos marcados por dias em que a interação com nossos aprendizes representam momento único daquelas existências ali.

Vamos trazer, mostrar generosamente o que pode tornar-se imprescindível para o outro.

Esse espaço te espera!

Solange Rocha

ESCOLA e FAMÍLIA GRANDES PARCEIRAS

Ana Lúcia Nascimento*

EDUCAÇÃO PRECOCE

Há pouco tempo tivemos uma campanha deflagrada em todo o País visando a maior participação da família no processo escolar.

Muitas vezes, tanto os aspectos educacionais quanto os acadêmicos são confundidos como sendo de responsabilidade exclusiva da escola.

Hoje, não temos mais dúvidas quanto à importância desta parceria na busca do objetivo comum que é o aluno.

Por outro lado, o desenvolvimento do ser humano, em todas suas dimensões, se dá em um processo contínuo.

Entre essas várias dimensões podemos destacar o desenvolvimento psíquico, que engloba a *afetividade*, a *cognição* e a *socialização*, começando no nascimento, com o *vínculo materno*, e terminando na fase adulta. Porém, a partir daí, ocorrendo a *maturidade psíquica*, o sujeito tem mais possibilidades de domínio do mundo.

Os três primeiros anos é um período decisivo. A criança, com a ajuda do adulto, passa a conhecer seu próprio corpo, formando o *eu corporal*, que inclui os afetos positivos e negativos que neste período terá de si mesma. Passa, também, a se localizar no mundo como uma pessoa autônoma, capaz de agir e interagir, ampliando cada vez mais seus conhecimentos.

Apoiado neste pensamento é que o trabalho pedagógico da Educação Precoce, no INES, vincula o atendimento da criança à presença constante do responsável, que se tornará o porta voz para toda a família, seus amigos e vizinhos.

Nesses anos, atuando diretamente com as famílias, vivenciamos algumas situações, que passam muitas vezes pela falta de esclarecimento, tanto no que diz respeito à educação de filhos, independente de ser surdo ou não, quanto à comunicação. Ambas interferem na relação da criança com a família e no processo de aprendizagem como um todo.

As situações que ora vamos apresentar passam pelo *limite*, *formação de hábitos*; *aquisição de habilidades*, *afetividade* e *a comunicação*; são reais, vivenciadas no dia-a-dia dos atendimentos pedagógicos.

* Professora do INES – Educação Precoce.

Especialização: *Estimulação Essencial e Desenvolvimento Infantil (UFRJ)*; *o Deficiente Auditivo (IBMR)*; *Psicopedagogia (Faculdade S. Judas Tadeu)*.

LIMITE

“ Será que meu filho entende quando digo *não*?”

“ Quando digo *não* aí é que ele faz mesmo!”

“ Só obedece ao pai .”

Fabrício não aceita as sugestões de atividades dadas e joga longe os brinquedos quando se aborrece.

Sua mãe diz que ele faz isto também em casa. Insiste naquilo que está fazendo quando ela chama sua atenção para não fazê-lo e somente obedece quando o pai chega e o repreende.

No caso de Fabrício, sua mãe tem uma postura ambígua: quando o repreende, se ele chora, o acaricia logo em seguida, como se quisesse provar o seu amor; quando diz *não*, sua expressão facial transmite um *sim*, numa comunicação inadequada, e Fabrício faz um jogo com ela, não aceitando suas ordens, transferindo esta postura para outras situações, inclusive na escola.

Esta criança não aceita os limites impostos de forma alguma, até nos atendimentos, mesmo existindo uma certa flexibilidade, e, por ser criança, não está livre para fazer somente aquilo que quer. São as primeiras regras da vida.

Este exemplo também tem o *jogo do poder*, quer nessa fase, a criança procura exercer sobre o adulto. A orientação dada por nós é que o adulto precisa estar atento a esse fato, pois se ceder sempre, a criança não entenderá que existem limites e, se usar a autoridade de adulto sempre, ela se tornará insegura, esperando que um outro dite as regras, sendo incapaz de gerenciar a própria vida, levando esta postura para a vida adulta.

Temos que lembrar que nesse período o *equilíbrio psíquico* vai se formando através do *sim / não; querer / não querer; gostar / não gostar*. Com amor, paciência e persistência, o responsável estará permitindo que a criança conheça os limites e perceba o grau de afetividade nas situações de repreensão e cuidados, onde será transmitido para ela o quanto é amada ou não.

FORMAÇÃO DE HÁBITOS

“ Ela só toma leite na mamadeira. Não quer no copo.”

“ Ela só avisa depois que faz *xixi e cocô*. Por isto ainda está de fraldas.”

Renata tem dois anos e meio. É uma criança muito esperta, com um desenvolvimento motor compatível com sua idade.

Quando a mãe traz essas questões, mostramos para ela que toda criança passa por etapas do desenvolvimento infantil, com uma maturação neurológica, e que sua filha está pronta para adquirir mais este conhecimento, bastando que para isto seja estimulada, com sua ajuda. E a orientamos para que, no caso da mamadeira, evite ao máximo seu uso, substituindo-a pelo copo, porque a criança já é capaz de beber líquidos desta forma, utilizando-o corretamente. No caso das fraldas, esse período

ainda é o de transição, ou seja, algumas crianças não conseguem perceber exatamente o que está acontecendo em seu corpo, não podendo antecipar o ato; por isto somente avisam depois do ocorrido. Isto é normal, porém a mãe deve estar atenta e chamar a atenção da criança, com carinho, para o fato.

O controle dos esfíncteres é aprendido, ou seja, vai ocorrer através da maturação neurológica, mas, também, é necessário que alguém ensine. Além disso, é um fato cultural. Na nossa cultura, menino faz xixi em pé e menina, sentada. Nas cidades, usa-se o banheiro, que foi designado pela sociedade como o local apropriado. Nesse caso, o modelo é necessário e a criança vai aprender por imitação.

AQUISIÇÃO DE HABILIDADES

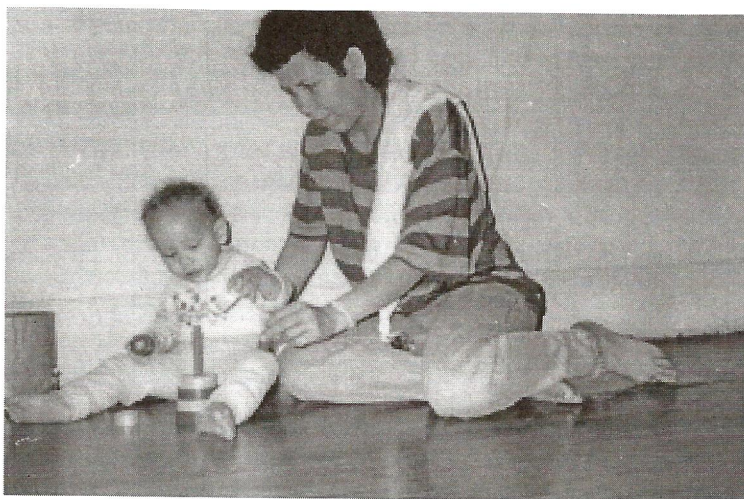
“ Não deixo pegar lápis em casa porque rabisca as paredes.”

Cátia tem dois anos. Nunca pegou um lápis de cor. Agora, nos atendimentos, começou a ter contato com esse material.

Orientamos a mãe no sentido de que a criança precisa experimentá-lo. As cores são uma grande atração e o próprio domínio do corpo está em jogo. Ela percebe as várias possibilidades de pegar, colocá-lo na boca, experimentar a pressão exercida no material, podendo ser com força ou levemente, e ter domínio dos movimentos, que de início são as batidas (pontinhos), depois o vaivém (rabiscação), para em seguida virem as bolinhas (células).

Quanto às paredes, falamos para a mãe colocar um papel bem grande e resistente, orientando a criança nesta atividade. De início vai insistir nas paredes, mas depois irá para o papel. E não deixar de oferecer este material, que é rico em experiências, com conseqüências muito grandes para a escrita, que, mesmo sendo um passo adiante, não deixa de ser um dos nossos objetivos, e esse é o momento ideal para começar nesta atividade.





As situações que envolvem o desenvolvimento da criança no processo escolar, mas que pertencem a outras áreas, tais como a psicologia (terapia do indivíduo ou do casal), área social ou médica, são observadas e encaminhadas para o profissional em questão, pois o apoio deste vai permitir que a criança caminhe com mais equilíbrio no processo de aquisição de conhecimento.

Para concluir, podemos dizer que o mais marcante, ao término desse período, é o fato de a maioria das famílias " agradecerem " por ter podido " compreender " seus filhos. Muitas vezes elas dizem : " agora eu aprendi a cuidar de meu filho. "

Isto nos faz entender que um dos objetivos da Educação Precoce é a retomada do *vínculo materno* que ou nunca se fez ou foi rompido em algum momento da vida da criança, comprometendo seu desenvolvimento global e, conseqüentemente, sua relação com a família e todas as formas de convívio social.

A família precisa entender sua importância dentro do processo escolar, e quando isto acontece, a criança, se desenvolve com muito mais facilidade, superando muitas barreiras decorrentes da falta de comunicação:

"É agressiva! Coitadinha ! É surda!"

(muitas vezes falta limite)

"As crianças não querem brincar com ela."

(a própria mãe não senta para brincar com ela)

É a própria família derruba os muros do *pré-conceito* existente em relação à criança surda.

AS EXPERIÊNCIAS COM OS SURDOS

Fátima Rosa*

A experiência aqui relatada é do trabalho realizado com a turma da pré-escola, no decorrer de 1998 a 1999, envolvendo crianças de 4 a 8 anos de idade, deficientes auditivas, algumas delas oriundas de experiências do convívio familiar e algumas que haviam freqüentado a estimulação precoce – trabalho desenvolvido com crianças de até 3 anos, visando propiciar o desenvolvimento integral do aluno, enfatizando o estímulo do resíduo auditivo na Escola Municipal José Américo Lomeu Bastos, em anos anteriores.

A experiência foi desenvolver instrumentos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), estabelecidas como a língua materna dos surdos (língua 1), capacitando-os para desenvolver, a princípio, a socialização, a integração com os demais colegas, professores e demais profissionais da escola, assim como favorecendo a exploração e a aquisição dos símbolos da 2ª língua (língua 2), que, nesse caso, é a língua portuguesa e demais conteúdos pertinentes a essa escolarização.

O trabalho, a princípio, começou a ser desenvolvido com cinco alunos: José Maria (3 anos), Luiz (3 anos), Paulo Henrique (5 anos), Vilma (5 anos) e Celma (6 anos). No mesmo ano, veio integrar o grupo Zenilda (5 anos), e, no ano de 1999, Luiz Antônio (5 anos) e Hércules (7 anos), totalizando, ao final, oito alunos, número máximo estabelecido para uma turma de surdos.

Desses alunos, cinco tiveram experiência na estimulação precoce; um veio do universo familiar e, além da surdez, apresentava problema de visão, já tendo sofrido uma cirurgia na retina; um outro veio morar em Angra, tendo sido antes atendido na estimulação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) e em uma clínica de tratamento audiófonatório e o último veio do Espírito Santo e, segundo a mãe, estudou durante alguns meses em uma instituição da Pestalozzi daquela localidade.

O princípio do trabalho foi caracterizado pelo desencontro de idades, experiências, perspectivas, assim como um grau de “agressividade” grande, caracterizado na turma, principalmente, em um aluno que agredia fisicamente os colegas, professora, e a si próprio.

No início, precisei ir identificando as diferenças e semelhanças dos alunos, assim como o que faltava, como por exemplo, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais,

Professora do Município de Angra dos Reis, com Estudos adicionais realizados no INES. Monografia apresentada no Curso de Especialização Construção do Conhecimento e Currículo - UFF (Angra dos Reis).

e a necessidade de gostar da escola, das atividades, dos colegas, de todos os profissionais desse cotidiano, para construir com eles, para que essas diferenças não fossem obstáculos, mas sim uma condição.

Vygotski (1993) aponta que:

“Todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes ou em dois planos. Primeiro aparece no plano psicológico, primeiro entre as pessoas (interpsicológico) e depois no interior das crianças (intrapicológico)” (p. 64).

De tudo o que observei e detectei, lembrei-me da experiência que havia vivenciado com a primeira turma de surdos do município de Angra dos Reis, de 1990 a 1992, em uma sala cedida no Colégio Estadual Arthur Vargas, na qual o objetivo era o aprendizado da língua de sinais e o desenvolvimento do processo de alfabetização na Língua Portuguesa baseado na Filosofia da Comunicação Total.

Uma proposta educacional cujos critérios básicos se constroem a partir de uma visão do surdo como pessoa, em quem não se pode isolar uma privação sensorial; a partir de uma conceituação de pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença; a partir de um entendimento do surdo como alguém que, como tal, será aceito e, portanto, respeitado em suas necessidades e capacidades.

Eram os seis primeiros alunos surdos (5 a 16 anos) do município de Angra dos Reis e cada um estabelecia códigos particulares de comunicação com os familiares, principalmente a mãe(ex.: apontar o dedo para o objeto (caneca) entendia-se que queria água; ou cama, para dormir).

O universo desses alunos era exatamente o cotidiano e a satisfação das necessidades desse cotidiano.

Sentia-me insegura, esta era praticamente a minha primeira experiência profissional, mas continuei oportunizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) à turma. Lembro-me que, nos meados do mês de maio de 1990, lá estava trabalhando com a turma (a turma começou a funcionar em abril de 1990) pronomes diversos, nomes diversos e verbos diversos e Ernani teve uma reação de quem estava confuso e muito nervoso. Ele ignorou a Língua de Sinais, cruzou os braços e queria muito ir embora para casa. Contornada a situação e refletindo sobre o que aconteceu, percebi que o aprendizado está relacionado com interesse, afinidade, significado de construções contextualizadas. Passei a investigar mais sobre o universo familiar de cada um deles, o que era vivenciado, o que era significado e, a partir desse momento, fui introduzindo propostas mais próximas de suas vivências e, posteriormente, foi possível tornar mais complexa, assim como desenvolver, a Língua Portuguesa (processo de alfabetização).

E é nesse contexto que Paulo Freire(1987) escreve:

“Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialógicidade começa, não quando o educador – educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (pág. 84)”

Hoje, ao relatar essa experiência, percebo que o aprendizado da chamada língua materna, isto é, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por esses alunos possibilitaram não só a Ernani como aos seus colegas de classe a ampliação da comunicação de um mundo restrito para o universo da comunicação mais amplo, cheio de possibilidades e alternativas, assim como o aprendizado da Língua Portuguesa (língua dois) os aproximou cada vez mais de um contexto de total possibilidade de atuarem como protagonistas de suas próprias vidas. (Ernani hoje é monitor de surdos da LIBRAS para a classe de Surdos da Escola Municipal Professor José Américo Lomeu Bastos, juntamente com outro colega da primeira classe de 1990, Glayson).

De volta ao ano de 1998, essas lembranças fizeram-me organizar os trabalhos baseados no grupo que tinha e não no que era ideal. Até mesmo porque o ideal era o gosto, a compreensão, o entendimento, o aprendizado por tudo o que eu e eles iríamos vivenciar naqueles dois anos.

Foi um princípio penoso, que foi criando sentido no desenrolar do trabalho em que fui mostrando, esclarecendo passo a passo qual a importância de cada atividade que faziam na escola para as suas vidas. A aquisição da LIBRAS foi sendo possível porque, a cada necessidade do aluno, tudo era minimamente explicado para que a contextualidade fosse ampliando sua competência para melhor investigar e conhecer o mundo que os rodeava e, principalmente, a relação de “agressividade” foi sendo substituída por relações de compreensão, atenção e entendimento, o que favoreceu e muito as desmistificações das diferenças na turma, proporcionando um ambiente de melhor entendimento do que era necessário ser desenvolvido na pré-escola.

A turma tornou-se um sucesso. E hoje a professora atual, Maria Aparecida, confirma para toda a escola que os alunos estão desenvolvendo e muito os seus aprendizados.

Referências Bibliográficas

- BOCAYUVA, P.C. Cunha e VEIGA, Sandra M. Características do modelo de desenvolvimento brasileiro. In BOCAYUVA, P.C. Cunha e VEIGA, S. Mayrink (orgs). *Afinal, que país é este?* RJ: DP&A, ed., 1999, p. 11-27.
- , Ciclo de Formação Proposta Político-Pedagógica da Escola Cidadã. *Cadernos Pedagógicos*, Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1996. P. 37.

- CICCONE, Marta. *Comunicação Total. Introdução Estratégica à pessoa Surda*, RJ: Cultura Médica, ed. 1990, p. 6-8.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. RJ: Paz e Terra, 1994, p. 15.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. RJ: Paz e Terra, 1987, p. 84.
- SANTOMÉ, J.T. As culturas negadas e silenciadas no currículo, In Silva T.T. da, *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- SILVA, Alexandre Batista. Currículo: para que te quero? In *Revista do SEPE*, RJ: ano 1, nº 1, nov, 1998. P. 11-13.
- VIGOTSKY, Lev S.A. *A formação social da mente*. SP: Martins Fontes ed., 1993.

PROJETO “SINAIS NO CAMINHO”

Maria Helena de Oliveira*

*“Enquanto a sociedade feliz não chega,
que haja pelo menos fragmentos de futuro
em que a alegria é servida como sacramento,
para que as crianças aprendam que o mundo
pode ser diferente. Que a escola, ela mesma,
seja um fragmento de futuro...”*

Rubem Alves

INTRODUÇÃO

Há 10 anos aproximadamente, assumi, numa escola particular em São Bernardo do Campo, (recém-formada, em Pedagogia e no Magistério) duas salas (3ª e 4ª série – uma por período), e uma delas contava com dois alunos muito especiais, um surdo, que fazia uso de sinais, e um deficiente mental, sem diagnóstico definido, mas que tinha rompantes de agressividade e não mantinha um relacionamento sociável com os colegas, entre outras dificuldades. Recorri à direção da escola, a fim de saber qual era o projeto de trabalho pretendido para estes alunos... Surpresa !!! Era o que eu pudesse fazer, desde que abordasse os conteúdos identificados pela Escola, atingindo os objetivos.

No decorrer do ano, minha angústia crescia, pois eu não conhecia os sinais utilizados pelo aluno surdo e ele usava um sinal para referir-se a mim que depois foi traduzido pela mãe como o sinal utilizado para referir-se às tartarugas. Era isso!! Era assim mesmo que eu me sentia em relação à compreensão do que ele podia me dizer, uma tartaruga ! Quanto ao outro, a comunicação era possível, ainda que cerceada por dificuldades, entre elas uma família que era contra apoio ou tratamento psicológico; logo, meu conhecimento sobre suas dificuldades eram limitados e fiz o que pude!

O tempo passou e, em 1992, ingressei no serviço público, como professora de Educação Infantil, hoje, acrescido pela função de professora de Ensino Fundamental, e nunca perdi de vista, o fascínio, o desejo de conhecer, estudar e conversar com aqueles que um dia não pude ajudar muito em sua compreensão de mundo: os surdos.

Em 1999, ao retornar de licença gestante (nesta época, estava concluindo meu curso de Psicopedagogia na UMESP, e também não encontrei subsídios para o trabalho com a inclusão), assumi uma 2ª série e tinha como vizinha de sala uma 1ª série, que contava com um aluno surdo, que não era usuário de sinais, tampouco de Português,

*Pedagoga e Psicopedagoga.

Professora dos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo.



Para memorizarmos o alfabeto manual e algumas palavras (e respectivos sinais) usamos ABC da Xuxa (na sala, construímos o nosso alfabeto. A apresentação despertou muito interesse. (Eu, ao microfone!)

e aquela situação me chamou a atenção, pois o apoio dado à professora era superficial e pouco freqüente. Algumas vezes, quando questionada sobre a sua forma de comunicar-se com aquele aluno, respondia:

“ Acho que é Deus que ajuda, viu !? Porque a gente vai tentando aqui e ali e acaba se entendendo!”

Isso me angustiava, pois eu sabia que os surdos tinham a sua língua materna. Aquele que me apelidou de tartaruga havia demonstrado claramente isso, a professora



Meus alunos, aprendizes de Libras, amigos dos surdos



Grupo de estudo (profissionais da rede municipal – monitores de creche, professores, aux. ad; cozinheira), aos sábados

sabia desta possibilidade, mas não sabia por onde começar, já que a família, o aluno e outros personagens do meio social deste aluno não eram orientados de maneira ativa e sistemática para a importância deste trabalho.

O ano acabou e, em 2000, esta sala passou a ser minha. Em meados de março/abril, iniciou-se, oferecido pela Prefeitura, um curso de formação em Libras, além de um encontro bimestral para abordar dificuldades e avanços destes alunos (surdos). No curso, percebi que as minhas ansiedades não diminuiram, pois eu ainda não conseguia ter instrumentos para auxiliar aquele aluno. Então resolvi procurar a FENEIS, onde ainda estudo e venho buscando ampliar meus estudos e conhecimentos sobre o assunto.

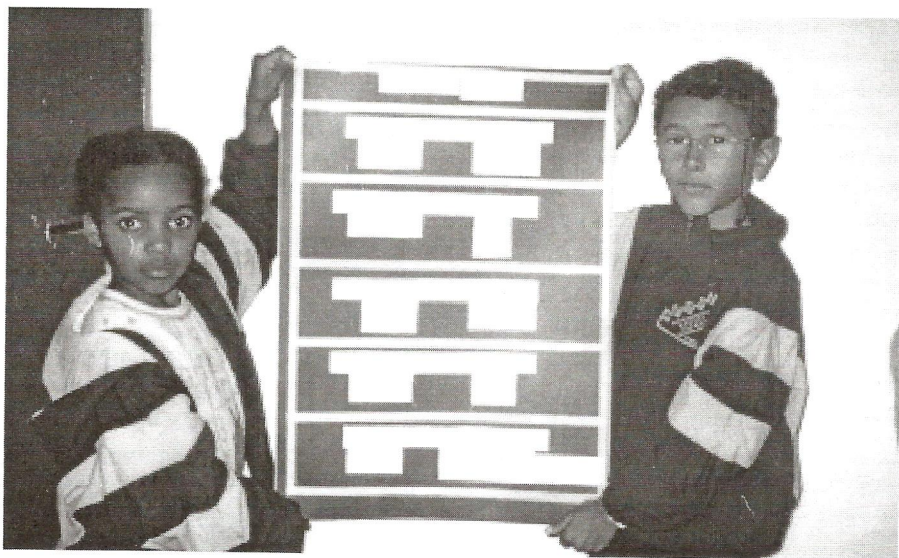
Além disso, procurei bibliografias sobre o assunto, sites da Internet, livros, teses, entre outros recursos, pensando na melhor maneira de auxiliar e organizar o trabalho com este aluno.

No cotidiano, fui identificando minhas dificuldades e concluindo que não bastaria que eu e o aluno (que prefiro manter oculto seu nome) soubéssemos linguagem de sinais, já que estávamos num meio onde seria importante que todos o compreendessem e que ele compreendesse a todos, mas isto deveria ocorrer em sua língua materna, assim que ele se apropriasse da mesma.

Este trabalho foi ganhando força, até que, em abril, recebi nesta sala um aluno que fora "convidado a retirar-se" de uma escola estadual, por causa de seus comportamentos inadequados. Tinha um histórico de agressões a professores, colegas, além de colocar em risco a integridade física dos outros e a própria. Então o trabalho teve que ser reestruturado, pois realmente havia um diagnóstico de hiperatividade, além de uma imensa dificuldade em expressar emoções e sentimentos,

muitas vezes demonstrados de maneira violenta. Deveria fazer uso de medicação (segundo médico e psiquiatra), mas esta ainda não estava sendo utilizada de maneira adequada; logo, esta sala, que já contava com alguns casos que demandavam uma atenção individualizada e constante, teve que contar com uma nova dinâmica (sala de 30 alunos, com apenas sete alfabetizados no mês de abril; o restante ainda demandava todo um trabalho de alfabetização desde as suas etapas iniciais).

O ano transcorreu com dificuldades e, ao final do ano, esta sala deixou de ser minha, mas percebi que o trabalho não poderia sofrer um rompimento e que seria necessário um projeto maior, algo que envolvesse não apenas um grupo de alunos, os colegas da sala por exemplo, mas que envolvesse outros grupos, professores, pais, alunos da escola, comerciantes da região, enfim.



A produção final de texto e sinalização ficou no painel central da escola, para contato freqüente de toda a comunidade

Parto do seguinte princípio: se LIBRAS é a língua do surdo, esta tem que ser conhecida por todos – alunos, professores, funcionários, comerciantes, hospitais, delegacias etc. – conhecida, utilizada (se necessário) e respeitada, pois trata-se da língua utilizada por um grupo de CIDADÃOS, que não ouve, mas que tem todos os direitos que qualquer cidadão tem, apesar de sermos tratados como as convenções sociais, a mídia e os valores que um pequeno grupo define. Isto ocorre com nordestinos, negros, obesos, homossexuais, entre outras tantas classes, como com os que têm orelha de abano, os que têm pé grande, canelas finas etc., ou seja, ao vislumbrarmos a nossa sociedade e sua estrutura, causa-nos a impressão que os direitos são para todos, TODOS os que se enquadram nos moldes predominantes, o que significa que a maioria de nós somos excluídos. Se assim o é, só nos resta fazer a nossa parte, assumindo a nossa parcela de culpa e responsabilidade por este estado social.

"O FATO É QUE A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO NÃO ESTÃO DEVIDAMENTE PREPARADAS PARA ATENDER TANTO AQUELES PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS, COMO OS CARENTES, EXCLUÍDOS, SEM FAMÍLIA, SEM EMPREGO, SEM OPORTUNIDADES DE TRABALHO E ASSIM POR DIANTE."

E mesmo sem este preparo, não podemos cessar de buscar caminhos alternativos, para conquistar transformações no quadro em que nos encontramos de banalização à cultura, à arte, ao sofrimento, à pobreza, ao descaso político e de desorganização social.

DESENVOLVIMENTO

"Uma escola criativa adapta-se às necessidades institucionais, sociais da demanda ao valorizar a participação dos professores e alunos."

M.^a Helena Novaes

A escola onde desenvolvo este projeto conta com 22 salas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, além de contar com três salas de educação de jovens e adultos (duas no ensino noturno e uma no período vespertino), atendendo, em média, 700 alunos ao todo.

Trata-se de uma comunidade de classe baixa, com poucas opções de cultura e lazer, restringindo-se estas às visitas a parentes, ir às igrejas e assistir televisão, em sua maioria.

A escola conta com dois surdos no período da manhã (crianças – uma de Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental) e um surdo adolescente, na educação de Jovens e Adultos.

A maioria dos professores desconhece sinais, até mesmo o Alfabeto Manual, mas concordou e colocou-se à disposição para tornar o projeto algo real e promissor, até porque já contam com um grande número de perguntas e curiosidades de seus alunos, que têm observado que o espaço da escola vem ganhando algumas modificações!

Quanto aos alunos, preciso ressaltar como tem sido maravilhoso contar com o interesse e a disposição em aprender cada sinal; trata-se da valorização da diversidade acontecendo de maneira prática, real. É o exercício de respeito ao próximo, mas não um próximo "distante, inexistente, abstrato", mas alguém que existe e tem dificuldades palpáveis, se não fizermos a nossa parte. Estas ações vem despertando comentários em casa, por parte dos alunos, o que resulta em curiosidade e interesse dos pais, facilitando os passos seguintes de nosso trabalho.

Ressalto, que a disposição da direção em abraçar a causa, mesmo sendo algo que desconhece, tem favorecido muito o andamento do projeto.

Esclareço, ainda, que estas etapas do projeto ocorrem de maneira paralela: são ações simultâneas, interdependentes, que resultarão numa conquista para toda a comunidade. Pelo menos, é o que eu espero!!!

PLANO DE AÇÕES

1. ALUNOS DA SALA	2. PROFESSORES DA ESCOLA	3. ESPAÇOS DA ESCOLA
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Todo mundo fala e pensa do mesmo jeito? ◆ Quem fala diferente? E por quê? ◆ O que são sinais? ◆ Para que servem ? ◆ Como falavam os surdos antes ? <p>Alfabeto Manual</p> <p>A partir do trabalho desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento, sinalização de poesias, músicas, listagens, para apresentação na escola, para outras salas, para pais e comunidade, difundindo a importância em conhecer este assunto</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Dramatização (Inclusão do Surdo – desafios e conquistas) ◆ Exposição de textos, poesias e músicas produzidos em português e em sinais; ◆ Jogos, brincadeiras e desafios com a utilização de alfabeto manual e dos sinais em geral; ◆ Uso no cotidiano em situações comuns, como uso de banheiros, uso de materiais, ir ao bebedouro etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Formação básica, em hora-atividade, uma vez por semana, com abordagem histórica, social, legislação e atualidades sobre os surdos. Isto ocorrerá no período da manhã e será filmado para que os professores dos outros períodos possam ter formação similar. ◆ Isto visa sanar dúvidas e curiosidades surgidas no cotidiano, pelos alunos. As questões mais teóricas serão tratadas de maneira mais objetiva, em função das demandas do cotidiano sobre o assunto. ◆ Vários textos serão entregues para atualização dos professores. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Os espaços coletivos da escola serão sinalizados, com placas nas portas, com ilustração e o sinal (reforço visual). ◆ Cada sala de aulas contará com um alfabeto manual, ampliado para contato visual e consulta frequentes. ◆ Além disso, os professores, em suas salas, estarão fixando placas com os sinais relativos ao assunto abordado, o que enriquecerá o repertório de sinais dos alunos, bem como facilitará a troca de materiais produzidos entre os professores. ◆ Ainda contaremos com a exposição, nos painéis externos, de textos produzidos em português e em sinais, para comparação e melhor fixação.

4. ALUNOS DA ESCOLA (INF. E FUND.)	5. PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA REDE	6. PAIS E COMUNIDADE
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Além do trabalho realizado em cada grupo, em particular, com alfabeto manual e sinais relativos ao tema abordado, ainda estaremos promovendo encontros periódicos, onde apresentaremos algumas de nossas produções nas salas, sejam elas textos, poemas ou outros. ◆ Neste momento estaremos realizando uma troca de conhecimentos entre os grupos, além de reforçarmos sinais conhecidos, ao apresentarmos sinais novos. ◆ As festas e eventos também contarão com apresentações em sinais. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Para difundir ainda mais este projeto, divulgou-se pela rede que estaríamos fazendo um Grupo de Estudo sobre LIBRAS (gratuito, pois meu trabalho aqui é voluntário!), com carga horária de 20 horas, aos sábados, de manhã, (à tarde, estou na FENEIS) e, para minha surpresa, a procura foi muito grande – já estamos na metade do trabalho. ◆ Há uma lista de espera para o próximo grupo, que trará outros tantos professores interessados. (Contamos com uma cozinheira, monitores de creche e auxiliares administrativos em nosso grupo!) ◆ Em pesquisa prévia, percebi um grande interesse – em função dos alunos surdos que estão chegando às escolas regulares – muita vontade, mas há o desconhecimento de onde procurar ajuda! 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos, em eventos, festas e reuniões; ◆ Abordagem sobre o assunto em reuniões de pais; ◆ Participação dos pais do Conselho nos próximos grupos de estudo – a eleição ainda não havia ocorrido, por ocasião do início do grupo anterior. ◆ Formação de grupo de estudo, com pais e comunidade interessados.

Parte destas ações já está acontecendo, entre elas:

- o trabalho com os alunos já está na fase de produções de textos, sinalizados e apresentados à escola e aos pais e estamos agilizandando a visita a outras escolas;
- o grupo de estudo já está na metade de sua carga horária prevista (o próximo já está programado);
- o trabalho de sinalização da escola já foi iniciado;
- a formação com os professores também já está acontecendo;
- o grupo de estudos com os pais ocorrerá quando os professores de cada turma já estiverem em condições de responder às dúvidas e curiosidades também destes membros da comunidade;
- as visitas às atividades comerciais e a outros espaços da região, demandam o andamento do trabalho em História e Geografia, onde estudamos as condições de vida do bairro, seus problemas; a partir desta análise é que estaremos visitando os espaços em pequenos grupos, para melhor realizar cada encontro.

Ainda faltam apresentar, as ações de dois momentos:

COMUNIDADE – COMÉRCIO E OUTROS	OUTRAS ESCOLAS DA REGIÃO
<ul style="list-style-type: none">◆ Após um estudo do bairro, identificando seus problemas e seus pontos positivos também, estaremos fazendo um levantamento de suas atividades comerciais, postos de saúde, escolas profissionalizantes, entre outros lugares, e organizaremos listagens onde serão identificadas as palavras comuns em cada um destes espaços;◆ Estaremos, então, em pequenos grupos, organizando cartazes com estas palavras e sinais e solicitando autorização dos proprietários para fixar nestes espaços estas informações, além do alfabeto manual e de panfletos que abordem informações sobre o assunto.	<ul style="list-style-type: none">◆ Considerando que estas informações podem ultrapassar os muros da escola, temos um anseio maior, que é o de divulgar este trabalho por outras escolas; para isso, nos deparamos com a dificuldade de transporte de nossa turma para realização deste trabalho;◆ Almejamos, ainda, conhecer uma escola de surdos e experimentar este contato, onde certamente a troca de experiências será ainda maior e muito gratificante, pois os alunos perceberão o quanto ainda há para aprender, basta pensar nos CLASSIFICADORES!!! E quem sabe este desejo desperte, no futuro, intérpretes apaixonados.

Destaco a importância de reavaliar constantemente nossas ações, a fim de que possamos dar novos encaminhamentos ao projeto, caso alguma ação prevista não esteja trazendo os resultados almejados.

Ressalto que a ausência de material didático, pedagógico, é um impedimento para a diversidade do trabalho, mas temos encontrado algumas alternativas, ainda insuficientes para complementar nosso trabalho. Destaco também que a questão tempo é outro fator de peso, já que não tenho organizado outros grupos de estudo, por falta de tempo hábil, para fazer este trabalho a contento.

Sabendo que este é um trabalho que demanda pesquisa, aprofundamento e organização, para que o assunto não seja tratado com superficialidade, tenho consciência que não pode ser um trabalho solitário, mas solidário, e para isso tenho contado com uma equipe que cresce a cada dia. São professores, funcionários, alunos, pais e outros profissionais, que têm percebido que este trabalho é possível, prazeroso e os resultados, promissores, capazes de fazer qualquer cidadão pensar sobre sua condição presente, condição esta que lhe confere o poder de fazer a sua parte, por si mesmo, pelo outro e pelo meio em que vive.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo. Ed. Ars Poéticas. SP, 1995
- FENEIS – Publicações : ano II, n.º 8, out./dez – 2000 - Ano III, n.º 9, jan./março – 2001
- MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade* – Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social (Doutorado) – São Paulo, 1996
- TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- ESPAÇO – Informativo Técnico Científico do INES – n.º 14. Dezembro/2000.

O INÍCIO DO TRABALHO DE HISTÓRIA NA 5ª SÉRIE

Tania Maria Elias*

A questão espaço-temporal é uma grande preocupação dos professores de História que trabalham com surdos, pois para esse aluno a expressão “há muito tempo” pode significar seis meses, dois anos ou mil anos atrás. Portanto, torna-se crucial elucidar essa questão do tempo com os aprendizes surdos.

Há cerca de dez anos, o programa de História do INES foi reformulado, sendo que pelo novo programa os conteúdos de 5ª série deveriam tratar a História a partir das primeiras atividades humanas. Alguns professores defendem que o programa deve ser feito com base em temas que devem ser enfocados em épocas distintas, mas no momento é a seqüência do tempo linear que prevalece.

Esse programa de História da 5ª série iniciava-se pelas noções de sociedade, cultura e História. Era preciso construir junto com os alunos esses conceitos. Inicialmente, era feita a explicação em LIBRAS sobre o significado de *sociedade* e que essa sociedade varia no tempo e no espaço. Dessa forma, o conceito *cultura* já começava a ser trabalhado. A conversa com os alunos girava sobre o que costumam fazer no seu dia-a-dia e então tornavam-se possíveis os comentários sobre o fato de que esses costumes variam no tempo e no espaço, exemplificando até mesmo os trajes e o tipo de lazer quando o professor tinha a idade deles.

Era solicitado que a turma contribuísse com revistas para que todos pudessem procurar fotos que comprovassem o que estava sendo estudado, mas muitos alunos alegavam não terem possibilidade de trazê-las, mesmo que fossem antigas, já que a maioria faz parte de famílias de baixa renda. Os professores contribuíram nesse sentido e atualmente existem revistas em várias salas para que haja intercâmbio, pois todos sabemos que tudo que puder ser mostrado ao aluno surdo em muito irá contribuir para sua aprendizagem.

Na etapa seguinte, os alunos deveriam identificar fotos nas revistas onde pudessem verificar diferenças na sociedade brasileira na atualidade, o que era colocado de forma bastante simples: *peessoas ricas e pessoas pobres, pessoas que moram nas cidades e pessoas que moram no campo*, inclusive podendo também separar os donos de grandes propriedades e os trabalhadores rurais. Havia sempre destaque para o Movimento dos Sem Terra (MST), já que o mesmo aparecia nas fotos das revistas e, a partir daí, a discussão alongava-se, pois os alunos indagavam a razão do movimento e seus objetivos. Esse trabalho é bastante demorado, pois a todo instante os alunos solicitam o professor para um ou outro esclarecimento ou curiosidade, mas é também gratificante, já que o relacionamento entre o professor e o aluno vai ficando

*Professora de História do INES.
Pós-graduada na área de Deficiência auditiva.

RELATO SOBRE O ENSINO DE NATAÇÃO PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA - UMA APRENDIZAGEM RECÍPROCA.

*Luiz Carlos Paschoalino Junior¹
Maria Piedade Resende da Costa²*

O presente relato tem como objetivo descrever minha participação junto ao ensino de atividades aquáticas para crianças portadoras de deficiência auditiva, durante o ano de 2000. O trabalho foi realizado no Parque Aquático do SESC da cidade de São Carlos/SP, que dispunha de um amplo espaço físico, além de vários materiais. As sessões de aprendizagem eram realizadas semanalmente, às quartas-feiras, constando de duas horas por semana; pouco tempo para a realização de uma prática tão complexa, e voltada para esta população em especial.

As aulas eram acompanhadas por um profissional da área da Educação Física, que supervisionava minhas regências como estagiário. Com o transcorrer do tempo, quando obtive maior segurança, comecei a desenvolver minhas próprias técnicas de ensino, que fui adquirindo na experiência com os alunos.

A turma constava de seis alunos, pertencentes a ambos os sexos, com faixa etária entre 4 e 13 anos, das redes municipal e estadual de ensino do município de São Carlos, portadores de deficiência auditiva profunda (pré-lingüística).

Havia então o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela prática esportiva. Para isso, abusava-se da variedade e criatividade das dinâmicas, sempre adaptando os métodos de ensino para os alunos. Aliado a este fator, eu buscava sempre uma forte relação de afetividade entre professor/aluno; fatores estes que foram imprescindíveis para um alcance além dos objetivos.

¹*Graduando em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos/SP.*

²*Orientadora - Programa de Pós-graduação em Educação Especial - UFSCar.*

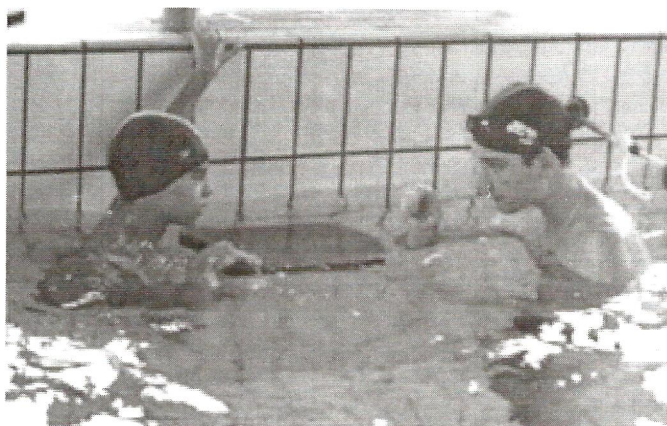
TÓPICOS PRINCIPAIS DO RELATO

Muitos foram os fatores julgados importantes durante esta gratificante experiência, pretendendo eu destacar aqui alguns deles.

Primeiramente coloco a importância da realização de uma atividade física para esta população, uma vez que não somente o lado físico das crianças foi desenvolvido, mas também outros fatores agregados, como, por exemplo, a socialização. Trabalhado este aspecto, os alunos deixaram um pouco de lado a introspectividade (adjetivo comum à população em questão). A criança passou a ter contato com outras pessoas que não de seu meio familiar ou escolar, como professores de Educação Física (uma vez que dificilmente participam dessas aulas em suas escolas), outras crianças surdas e também as crianças ouvintes. Com relação a estas últimas, destaco a importância da inserção da criança surda neste grupo, para que ambas, surdas ou ouvintes, possam aprender o respeito mútuo. Para isso, procurávamos sempre, na hora da recreação aquática, fazer com que estas duas classes se juntassem para brincar, e por que não, tentar se comunicar.

Outro aspecto relacionado à importância da prática esportiva é a visão de poder que estas crianças relacionavam ao esporte: vitórias no esporte implicavam em êxitos na sua vida diária. Se conseguissem atravessar a piscina completa, isso seria transposto para seu dia-a-dia, sendo que também se tornariam capazes de vencer fora da piscina; esta era a analogia que eles faziam. O esporte, então, sustenta essa visão do “poder”.

E como último fator agregado à importância da atividade física, foi o desenvolvimento do hábito saudável da prática de exercícios, como meio para se evitar o sedentarismo. Este mal atinge altos índices, principalmente nesta população, já que a palavra deficiente adquire um significado geral, contrapondo-se a eficiente.



O segundo tópico diz respeito à comunicação, que foi o fator que julgo ser a única limitação (excetuando-se outras seqüelas multifatoriais da doença causadora da surdez) para estes alunos. A comunicação através da língua de sinais causou muitas confusões no início, como um episódio cômico que me ocorrera, que foi quando descobri tarde demais que uma aluninha queria apenas ir ao banheiro. Portanto, eu

saía destas situações embaraçosas usando apenas a sinceridade e um pouco de bom humor, e, é claro, procurando sempre me inteirar do novo "idioma". Contudo, percebi que o mais importante não é ser um exímio executante da língua de sinais, e sim tentar dizer algo de qualquer forma, desde que olhando nos olhos dos alunos.



Como principal tática de ensino, as posturas e posições corretas da natação eram, de início, executadas visualmente para as crianças por mim. Eu, no entanto, tinha a preocupação em, primeiramente, realizar à frente do espelho, analisar se estava próximo ao padrão, para somente então demonstrar aos alunos. Posteriormente, procurava utilizar os próprios alunos com exemplo para corretas demonstrações (importante usar todos os alunos, sem exceção como exemplos, sempre ressaltando suas corretas execuções, por menor que elas sejam). Isso também os motivava a buscar um patamar cada vez mais alto, para que pudessem servir de exemplo aos colegas. Como toda criança, às vezes eram necessárias que algumas atitudes mais sérias fossem tomadas (como quando os alunos brincavam uns com



os outros de ficar “roxinho” à força). Para isso, não eram necessárias punições, e sim uma simples mudança na fisionomia. Como tinha um contato muito íntimo com meus alunos, sempre brincando e sorrindo, bastava um olhar mais sério, que eles já entendiam que algo estava errado, e então se continham.

Um ponto interessante observado por mim, que também julgo importante de ser citado, é a facilidade de compreensão com que contavam os alunos. A mecânica do movimento era entendida com tal precisão, que eles se apegavam aos detalhes mínimos da técnica, às vezes deixando o movimento em seu contexto mais global para segundo plano. Quando eu os transmitia algum fundamento da natação, como por exemplo a braçada do estilo Crawl, antes de automatizarem a mecânica mais “grossa” do movimento, eles se preocupavam em adquirir a posição correta do punho, a disposição dos dedos ou o ângulo de ataque da mão. Novamente desponta a preocupação em fornecer ao aluno, principalmente ao surdo, a correta demonstração do exercício.

Como último fator, mas não menos importante, destaco uma meta atingida além dos objetivos iniciais do projeto: a independência. O aprendizado dos alunos ultrapassou os limites da piscina, onde estes eram submetidos a realizar suas tarefas por meios próprios, dependendo o mínimo possível de auxílio. Isso ficava claramente evidenciado na modalidade esportiva em questão, onde a iniciação depende da presença do professor constantemente, dando segurança ao aluno (como, por exemplo, quando eu os levava até a metade mais profunda da piscina segurando em suas mãos). Esta ajuda, no decorrer das sessões de aprendizagem, ficava cada vez mais reduzida, até que então os alunos adquirissem autonomia para que, sozinhos, realizassem a tarefa. Paralelamente, isso era trabalhado nos alunos fora do meio aquático, com a segurança em se locomoverem sozinhos, organizarem seus materiais e o do clube, entre outros fatores.

PRECONCEITO: O PRINCIPAL OBSTÁCULO

Percebi, através de minha experiência na área, que existem muitos obstáculos que devem ser derrubados, pois colocam os portadores de alguma deficiência em níveis inferiores às pessoas ditas “normais”. O principal deles é o preconceito. Muitas pessoas ainda acreditam que a surdez é uma doença transmissível, como pude vivenciar quando uma mãe, mais do que depressa, puxou seu filho da piscina quando este brincava alegremente com um dos meus alunos. Não se contentando, ela ainda foi embora limpando seu filho com uma toalha, sem sequer olhar para trás. A revolta que me dominou naquele instante foi muito grande. Por sorte, meu aluno, devido a sua inocência, não percebeu o que aconteceu; e aquela mãe, também por sorte (dela), não apareceu mais.

É triste, mas é realmente o que acontece a todo momento, às vezes não de forma tão evidente o quanto pude presenciar, mas de outras diversas formas, como quando se nega emprego a um surdo, ou mesmo ao se mostrar programas na televisão sem legendas ou sem um intérprete de língua de sinais.

O que pude comprovar na prática é que basta apenas um apoio sincero para que eles possam ser iguais ou até melhores que muitos dos nossos “normais”. Deixo

aqui como reflexão: as conquistas de nossos atletas nas Paraolimpíadas em detrimento do vexame das nossas Olimpíadas.

CONCLUSÃO

Lembro-me até hoje do primeiro dia em que cheguei à piscina e me deparei com os alunos. A primeira idéia que me veio à cabeça foi a de desistir da participação nas atividades. Porém, este medo extinguiu-se rapidamente, quando me impressionei com o carisma e a alegria com que contam estas crianças (alegria até demais em alguns momentos). Estando com eles, aprendi a repensar valores que até então julgava que fossem primordiais, mas que depois percebi se tratarem de coisas supérfluas. Eles me faziam refletir que o aprendizado que tiveram comigo não se compara à grande lição de vida que eles me proporcionaram, contribuindo não só para minha atuação profissional, mas também para minha realização pessoal. Para tais fins, concluo que estas crianças são sim crianças especiais, em todos os sentidos.



"O VERDADEIRO DEFICIENTE É AQUELE QUE DISCRIMINA E AINDA TEM A CORAGEM DE SE DIZER NORMAL"

Apoio: *Programa de Pós-graduação em Educação Especial
Pró-reitoria de Graduação (Bolsa Atividade)/UFSCar
Paulo Henrique Verardi / Chefe do Depto. de Esportes - SESC/São Carlos
Prefeitura Municipal de São Carlos/SP*

ATIVIDADE LÚDICA NA 1ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Prof. Marcus Vinicius Freitas Pinheiro*

Marcus Vinicius Freitas Pinheiro, é carioca, nascido no Rio de Janeiro em 24 de abril de 1970.

Aos sete anos de idade, já alfabetizado e cursando a 1ª série do Ensino Fundamental, contraiu a meningite e como conseqüência ficou surdo. Ao mesmo tempo em que ficou surdo, seus pais o levaram para estudar no Instituto Nossa Senhora de Lourdes, onde foi Educado pelo Prof. Jorge Mário Barreto, pela Profª. e Fonoaudióloga Orquidéa Bahia, e também pelas irmãs Calvarianas, principalmente Irmã Maria Angélica e Irmã Trindade.

No início a sua aceitação da surdez foi difícil mas com o apóio e estímulo de seus pais ele se aproximou de seus amigos surdos e por meio deles aprendeu o domínio da Língua Brasileira de Sinais. Por ter muitos amigos surdos ele passou a freqüentar o INES para se divertir com os amigos em sua vida social e depois também passou a freqüentar as associações de surdos.

Fez o Ensino Médio na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá onde se formou Técnico em Eletrônica. Abandonou esta carreira por não conseguir vaga no mercado de trabalho que exigia o domínio da língua inglesa.

Decidiu então estudar Pedagogia devido ao seu trabalho na Pastoral dos Surdos desde os 15 anos de idade, onde dava palestras e ensinamentos para crianças, jovens e adultos surdos, por influência da Profª. Orquidéa Bahia.

Em 1994 entrou para a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), aprovado no vestibular e um ano depois começou a sua carreira dando apresentações e palestras, atuou em diversas outras universidades, como a UNIRIO e UFF. Entrou para o Programa Rompendo Barreiras e depois foi para as escolas, das quais se destacam o Colégio Estadual Carmela Dutra, INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e INOSEL (Instituto Nossa Senhora de Lourdes).

Graduado em Pedagogia com ênfase em Magistério de Matérias Pedagógicas do Segundo Grau e Licenciatura Plena em Educação Especial, no ano de 1998, entrou para a Pós-Graduação em Administração e Planejamento da Educação na UERJ no ano seguinte, onde também se formou.

**Professor de Aspectos Culturais da Educação de surdos do INES, graduado em Pedagogia e pós-graduado em Administração e Planejamento da Educação pela UERJ, e professor do CEPV – Centro Educacional Pilar Velazquez.*

Atualmente é Professor de Aspectos Metodológicos e Culturais da Educação dos Surdos para professoras e alunos do Ensino Fundamental do INES, professor da 1ª Série do Centro Educacional Pilar Velazquez e também dá aulas de reforço em Língua Portuguesa para surdos na Casa de Cultura do Silêncio, em todas as instituições ele atua com surdos.

Para quem pergunta como ele conseguiu superar tudo isso, ele afirma que foi com muita luta e muito sacrifício e amor aos surdos. Além disso ele acredita que os surdos precisam aprender a gostar de ler e identificar as palavras e os seus significados, saber usá-las para poder desenvolver-se no seu dia-a-dia.

No ano passado, mais precisamente no mês de outubro de 2000, inspirado no jogo “deu zebra”, do livro de Reis (1997), preparei esta atividade para as crianças do Centro Educacional Pilar Velazquez (CEPV) porque elas queriam aprender o par ou ímpar para poder brincar com os colegas perto de suas casas.

Tratei então de colher os números de 1 a 31, que também são os números dos dias dos meses, e os separei em três grupos de dez (à época haviam 10 alunos), e tratei de estimular o conhecimento dos números. Depois disso separei, indicando os números pares e os ímpares, para que os alunos pudessem ter uma noção exata do conhecimento dos valores, e depois os distribuí entre eles.

Pude trabalhar essa atividade de diversas formas, inclusive ensinar os valores numéricos (maior e menor, igual e diferente), onde se destacaram vários alunos; alguns chegavam a copiar a opinião do último colega, outros raciocinavam antes de dar a resposta. No início, muitos acertaram e erravam, mas com o tempo elas assimilaram o aprendizado e como resultado aprenderam, a raciocinar e também a brincar de par ou ímpar sozinhas, sem a necessidade da interferência do professor.

Essa atividade lúdica ajuda a desenvolver as habilidades de ordenação e comparação dos números naturais, assim como também o reconhecimento dos valores numéricos. Pode ser utilizada de diversas formas, como por exemplo:

- Tiramos todos os números ímpares e deixamos um só, depois embaralhamos as cartas e aquele que estiver com o número ímpar sai da brincadeira;
- outra forma é embaralhar as cartas e depois distribuí-las, aquele que estiver com o maior ou o menor número par ou ímpar sai da brincadeira, e a escolha é opcional.

É preciso ter em mente que estamos trabalhando com crianças surdas e sabemos que é muito difícil adivinhar se uma criança está realizando uma operação mental ou apenas “olhando para o ar”, portanto a atividade lúdica entra como instrumento facilitador de aprendizagem. Apesar de ser muito criticada, a ação mental é um “trabalho intelectual” e a atividade física é um “trabalho braçal”.

Alguns educadores acham que os jogos devem ser banidos da escola porque acreditam que a escola tem que ser uma instituição que prepara para a vida, discordando da opinião de Paulo Freire, que certa vez afirmara que o “o maior defeito dos professores da Educação Infantil é que eles se esquecem de que um dia já foram crianças”.

No aprendizado da Matemática, os jogos são muito benéficos e, numa visão socioconstrutivista, favorecem a concentração e o desenvolvimento mental do educando, facilitam a memorização sem apelar para o "decoreba".

No fundo poderíamos observar a opinião de George Snyders que diz o seguinte:

"A primeira mudança que se poderia desejar na formação dos professores seria que eles atingissem um entusiasmo cultural; a confiança de que a cultura que eles ensinam pode dar satisfação a seus alunos; num certo sentido, ela está destinada a dar satisfação; ensina-se para dar satisfação; ao mesmo tempo em que se estuda Matemática, alunos e professores juntos devem questionar sobre a satisfação que se pode ter em fazê-lo". (Alegria na Escola, Manole, 1988)

Referências Bibliográficas

REIS, Faraday. *Jogos: o prazer de aprender Matemática* – São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

SNYDERS, George. *Alegria na Escola* – São Paulo: Manole, 1998



Aula de linguagem das classes adiantadas
Década de 30 — INES



**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil



**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**
BOA ESCOLA PARA TODOS